

UT PICTURA THESIS

Guilherme Mendonça

Em *Como se faz uma tese em ciências humanas*, Umberto Eco dá-nos conta de um novo enquadramento das teses enquanto preparação para a investigação, por oposição ao enquadramento tradicional em relação ao qual a tese era o culminar de uma vida de reflexão. A tese enquanto começo, e não enquanto fim, é também o produto de uma democratização que, como refere Eco, tem que ser acessível àqueles que não são a minoria privilegiada, com os recursos financeiros e o tempo suficientes para uma investigação.

Como tantos outros, tinha a secreta desconfiança de que, com efeito, o que se tinha passado com as teses de doutoramento era um decréscimo na qualidade das mesmas como resultado de critérios políticos e da necessária competitividade das universidades. Essa suposição também foi instrumental na minha curiosidade pelas mudanças históricas no paradigma de tese.

•

A proposta de tese com que iniciei o meu doutoramento pressupunha a construção paralela de uma reflexão teórica e de um trabalho criativo.

Sendo um dos privilegiados que pode dedicar-se a um doutoramento a tempo inteiro (com os necessários riscos que isso implica), permiti-me o estudo de um certo número de teses como forma de chegar a um entendimento transversal das expectativas num trabalho de investigação - a um *sentir* da especificidade e dimensão de uma tese, em complemento com a dimensão técnica.

Esse trabalho, que me tomou alguns meses de leitura diversificada, acabou por se transformar numa reflexão sobre a natureza do trabalho académico e criativo que viria a resultar na minha segunda sessão de Aulas Abertas para o PAR.

Por razões pragmáticas ligadas às matérias abordadas e à natureza panorâmica da reflexão, e por razões estilísticas também, entendi que essa reflexão deveria tomar uma forma diferente de um trabalho académico, particularmente no que diz respeito ao estilo, que não hesitaria em chamar *impressionista*.

A redacção deste texto transportou-me, ainda, para outras dimensões exploratórias: a das ligações entre a actividade criativa e a actividade académica e, de forma muito breve, a de uma ligação pessoal entre desenho e ‘conhecimento’. Assim, podem achar-se neste documento diferentes registos estilísticos, ensaiados em notas de um diário, em reflexões, em especulações (que são como becos sem saída) e em exortações ao leitor.

•

Na biblioteca da Senate House, em Londres, pode encontrar-se uma tese de doutoramento, *The Implications of Recent Trends in Psychoanalytical Theory for Sociology*, datada de 1953, submetida pelo Doutor H. Guntrip à Leeds University.

A tese de Guntrip trata de desenvolvimentos pertinentes no pós-guerra, nomeadamente uma defesa da relevância das teorias ‘object-relation’, como contraponto às ‘instinct theory’, bem como da descrição do caminho entre ‘psycho-biological based theories’ e ‘culture-pattern based theories’. Parte do meu interesse na tese de Guntrip era perceber de que forma era fundamentada a relação entre duas áreas diversas, uma vez que eu próprio me iria debater com um problema semelhante. Outro dos meus interesses tinha que ver com a antiguidade da tese: 55 anos parecia-me um período de mudanças possíveis, representativo, portanto, para a minha investigação.

Não encontrei então nenhuma diferença substancial no conteúdo ou tamanho da tese relativamente a teses modernas, contrariamente à minha suspeita. O que me surpreendeu em *The Implications...* foi outra coisa. Escrevi assim nas minhas notas:

“(08-03-2008) É um prazer ler esta tese. Obviamente que foi

toda dactilografada e corrigida à mão. É muito evidente o esforço físico: no copiar e corrigir mas também na consulta bibliográfica - anos a coligir dados de biblioteca em biblioteca.”

Não esperava que a evidência do esforço necessário para preparar uma tese, então, estivesse tão presente. Com a internet e com as ferramentas informáticas de referência tornamo-nos infinitamente mais rápidos numa parte substancial do trabalho de investigação. Temos mais acesso - a muitas coisas mais.

Embora seja limitada a minha capacidade de perceber em que é que consiste a produção de conhecimento na tese do Doutor Guntrip, é-me possível perceber algum do seu entusiasmo. À época, estava-se a viver, suponho, uma mudança de paradigma na psicanálise com resultados esperados também nas ciências sociais. Algumas teses parecem estar mergulhadas num facto excitante do seu tempo. Este sentir de um entusiasmo na escrita de um trabalho académico foi outra das características que observei com agrado.

Um dos exemplos mais extremos que encontrei do paradigma da tese ‘entusiasmada’ é o caso da tese *A Science of History*, do Doutor W.J. Chadler, a qual pretende ser uma reflexão sobre as possibilidades da utilização de modelos científicos na interpretação (e conseqüentemente na previsão) histórica. Depois de feita a necessária panorâmica das teorias similares, Chandler passa à discussão dos aspectos linguísticos e de interpretação. O objectivo de Chandler, já que a tese foi escrita para o departamento de cibernética da Brunel University, é usar um modelo cibernético para interpretar fenómenos históricos e assim refutar o cepticismo anti-científico nessa disciplina. Chandler opõe-se, em particular, aos filósofos que interpretaram a cientificidade à luz dos modelos de ciência do século XIX. Lida hoje, a tese parece ambiciosa, mas tudo ganha sentido quando pensamos que a tese foi apresentada em 1979, o que a torna contemporânea do aparecimento dos primeiros computadores pessoais. Esse é, na verdade, um dado essencial para a compreensão da génese e construção desta tese: uma crença nas possibilidades ilimitadas dos sistemas informáticos.

A tese de Chandler está nos antípodas do que podemos considerar teses

sistemáticas – que seriam eficientes na sua mecânica mas contrárias à natureza da descoberta.

“24-03-2008 - Como na vida, o equilíbrio difícil é esse entre a invenção e o sistemático. Quantas vezes a tese mais interessante é aquela de quem arrisca, a de quem vai além da emulação de um processo.”¹

•

Um dos trabalhos que mais me impressionou foi a tese *The Anna Freud Centre Narrative Coding System: A Study of Reliability and Validity of a New Coding System for the MacArthur Narrative Story Stem Battery*, pela Doutora Antonia Glowacki Colton. Eu tinha, até então, sido sensato o suficiente para não me aventurar em áreas muito distantes da minha, para não correr o risco de uma excessiva dispersão, tanto mais que sabia que aventurar-me numa dessas áreas iria necessariamente obrigar-me a um estudo do jargão técnico. A tese de Glowacki Colton interessou-me pela menção ao ‘MacArthur Narrative Story Stem Battery’ (MNSSB), que supus ter ligações a um dos aspectos do meu estudo, as estruturas narrativas. Este tinha sido, salvo duas excepções, o meu critério: concentrar-me em teses de áreas cuja linguagem técnica ainda pudesse compreender, e que abordassem temas úteis para a minha investigação.

The Anna Freud Centre... acabou por fugir a este critério, mas mostrou-se interessante e de grande utilidade em tantos outros aspectos que mereceu a pena o esforço adicional.

A tese de Glowacki Colton consiste numa avaliação da validade do MNSSB para um contexto particular. Esse

¹ Em outras teses que li, não me foi tão evidente o interesse do investigador corresponder a um determinado objectivo, de acordo com um modelo (algumas teses parecem decorrer mecanicamente). Escolhi não fazer referência a nenhuma em particular pelas seguintes razões: 1 – as áreas que abordo são diversas, algumas muito distantes da minha; 2 - a percepção do grau de envolvimento do investigador é subjectiva; 3 – não quis que ficasse sugerido que um tipo de tese era melhor do que outro.

² No caso em apreço, o sistema aplica-se a crianças entre os 6 e os 12 anos de idade numa dada comunidade. É contado à criança o início de uma narrativa que a criança deve depois completar. É a partir da forma como a criança completa essa narrativa que são interpretadas as representações internas das crianças.

conjunto de exercícios colige dados sobre as representações interiores (afectivas, relacionais) a partir de um dilema moral.² O ‘Anna Freud Centre Narrative Coding System’ (AFCNCS) é justamente um dos sistemas de avaliação dos dados recolhidos.

A tese impressiona pela sua exaustibilidade. Com excepção da Introdução e da Discussão, os sete capítulos desenvolvem-se de forma semelhante: introdução; objectivos e finalidade; método, procedimento; resultados, discussão e conclusão. As hipóteses e condições do estudo são descritas em grande detalhe. O que vejo quando leio a tese de Glowacki Colton é muito inspirador: a tentativa de resposta a uma questão nova e pertinente, com uma metodologia e um âmbito bem definidos, em grande detalhe, com excepcional rigor científico e com capacidade de síntese. Enfim, a definição de tese.

Fica no ar uma pergunta: como podemos nós, artistas, aspirar a produzir um trabalho com essa qualidade e rigor? Que questões são essas que procuramos responder com uma investigação? Com certeza que o paradigma tem que ser diferente, principalmente no que concerne as teses práticas.

•

Duas questões ocorrem-me de imediato: uma tese não tem que ser inovadora na sua forma mas sim no seu conteúdo; existe um equilíbrio delicado entre inovação e tradição.

A primeira questão sugere que é na definição de metodologias, no enquadramento teórico e na definição do âmbito que se inventa. Afinal, é na escolha da perspectiva e consequente processo de trabalho que se pode encontrar a originalidade do autor.

A segunda questão reafirma uma trivialidade: que os sistemas de conhecimento, pelo simples facto de serem sistemas, são simultaneamente libertadores e repressores. A ideia de tese implica uma visão original mas, evidentemente, com a ideia da institucionalização da inovação incorremos numa potencial contradição. A ideia de tese visa oferecer a todos a possibilidade de serem inovadores, mesmo aqueles que têm uma natureza contrária à inovação. São as regras de inventar.

•

“(Sem data) Houve um tempo em que desenhava. Hoje compreendo que, se o fazia, era porque julgava que, ao usar a mão para delimitar forma e fundo, podia chegar à compreensão das coisas. Então e pôr o nariz em papel velho, percorrer bibliografias com indicador, cansar a cara com a palma da mão – não será essa uma outra forma de desenhar?”

Foi só quando comecei a pensar em fazer um doutoramento, há já alguns anos atrás, que percebi a ligação entre uma vontade de conhecimento e o desenho. Trata-se de uma experiência pessoal. O desenho acompanhou-me até aos primeiros anos da vida adulta, diariamente. Desenhei muitas horas por dia, todos os dias, dos três ou quatro anos de idade até aos vinte e cinco. A minha primeira profissão a tempo inteiro foi, precisamente, a profissão de ilustrador/criativo na extinta Título Publicidade. Se na minha profissão o desenho era a ferramenta, na vida era o prazer: era a forma de afirmação junto dos pares; era o registo dos dias; principalmente, era o desejo de perceber as regras do mundo visível. Todos os meus medos e aspirações eram centrados no desenho. Se há prazer que recordo da infância e adolescência é o prazer de acordar de manhã e correr para o estirador para ver o desenho feito na noite anterior.

Se me permito este breve apontamento biográfico é porque quero dar ao leitor a ideia da importância do desenho no meu trabalho. O doutoramento foi também um passo na realização disso – a importação de um sistema de trabalho particular para a área académica. No fundo, no centro de todas as minhas actividades,

³ 'PAR' é uma designação comum para Practice as Research. Veja-se "A Methodology for Practice as Research" (Trimingham, 54)

esteve sempre o desenho.

•

O meu orientador, o Doutor John Freeman, tem abordado em vários trabalhos a questão das teses práticas. Um dos aspectos que me fez notar foi a diferença entre "practice as thesis" e "practice as research"(PAR³).

Portfolio of Composition é uma tese prática sujeita a avaliação na Brunel University, em 2007, pela Doutora Helen Jane Rowley. A autora é uma artista multidisciplinar nas áreas da música e pintura. A tese é apresentada numa caixa contendo uma dissertação de sessenta e nove páginas, onze partituras musicais, e um documento eclético consistindo em dezasseis folhas A3, com partituras e cópias de quadros da autora.

A dissertação consiste numa justificação e historial do percurso artístico da autora (experiência como instrumentista e técnica de orquestração) seguida de algumas notas, pessoais, sobre a relação entre música e pintura. Um dos capítulos faz o historial da ligação da autora à música – família de músicos, experiência como violinista, etc.; outro capítulo compara, por exemplo, as linhas horizontais de um dos quadros com a ideia de avanço da música.

O meu conhecimento de música ou pintura é insuficiente para poder fazer um comentário sobre a abordagem das matérias, mas a leitura desta tese foi o suficiente para perceber que não era este o caminho que queria tomar.

Também a tese de Tim Massey, *Sounding the Stops*, pela Cardiff University, segue um percurso similar. A tese de

Massey procura responder a uma questão que certamente terá ocorrido a todos os escritores - a de perceber as motivações psicológicas da escrita. Tal como no caso de Jane Rowland, a tese consiste numa dissertação de 161 páginas seguida de um portfolio de quatro peças de teatro.

A teoria de Massey, pela extensão e detalhe parece ser mais robusta do que a de Jane Rowland, mas acabou por ter um efeito idêntico em mim. Eu não sentia que podia fazer um trabalho com o detalhe e a cientificidade que ambicionava se procurasse um modelo semelhante. A minha perspectiva foi tendendo para o trabalho puramente teórico.

Sem estar a fazer juízos sobre os conteúdos, creio que é justo dizer que as teses de Rowland e Massey procuram corresponder aos paradigmas da “practice as thesis” e “practice as research”.

Por entre a procura do que deveria ser a minha metodologia e o que perspectivava como enquadramento teórico começava a desenhar-se no meu trabalho aquela que era a sua particularidade – a questão teórica que me era única, e que dava resposta a um conjunto de inquietações do meu trabalho criativo. Mas são mesmo teses? Têm que ter esse nome? Haverá aqui um hiato entre o que é ser académico e artista? Era isso que eu ambicionava?

Por outro lado, a existir inovação na forma da tese, esta tem que surgir no decorrer de um conjunto de inquietações particulares. O risco da ‘practice as thesis’ é o risco de, para tornar a prática académica inclusiva e democrática, fazer equivaler todas as experiências. O problema é que, pelo simples facto de estarmos vivos, todos temos uma experiência e podemos argumentar a validade dessa forma de conhecimento.

•

A tese de Peter Paul Cheevers apresenta uma alternativa interessante. Em *The Subject and its Performance*, Cheevers, fazendo recurso a um conjunto de noções da modernidade, procura redefinir a noção de sujeito na *performance*,

aí entendido como *a pessoa do performer* mas também como o assunto da *performance*. Como em muitos trabalhos recentes, Cheevers utiliza princípios da física quântica como metáfora de um universo de indefinições – com ênfase particular para as mudanças na percepção do ‘eu’. O aspecto verdadeiramente interessante na tese de Cheevers, no entanto, é a utilização de uma interferência: o texto científico é intercalado por um texto artístico: uma peça de teatro, cuja personagem principal, inspirada no *Souffleur*, de Derrida, vai apontando caminhos na argumentação. A pertinência deste modelo reside na veemência com que uma personagem que experimenta os problemas do ‘eu’ no universo contemporâneo dá expressão às suas inquietações.

Nada me desagrada mais do que a utilização da física quântica na fundamentação artística/filosófica, mas nenhuma das teses que li integrava tão bem aspectos académicos e artísticos.

•

“(09-08-2008) *Uma investigação também é uma imagem do mundo. Um retrato do seu criador.*”

As teorias dos seminários de investigação, a variedade de livros de estilo, as orientações do meu supervisor e a própria leitura de Eco relativamente aos perigos da tese panorâmica, tinha-me levado a procurar a circunscrição do tema tese. Fui surpreendido pelo carácter panorâmico de algumas teses.

O título da tese de Ângela Sofia Benoliel Coutinho, apresentada na Sorbonne em 2004, é bem ilustrativo do conjunto de matérias abordadas na tese, *Les dirigeants du PAIGC. De l'origine à la scission. Étude de parcours individuels, de stratégies familiales et d'idéologies.*

O estudo fornece documentação sobre matérias tão vastas como a importância dos liceus na construção da identidade dos futuros dirigentes do PAIGC, a caracterização social dos dirigentes, os momentos de renovação política da direcção do partido ou a posição chave de Amílcar Cabral na definição do partido.

Para um leigo em política africana, a tese de Coutinho é cativante na recolha de informação (entrevistas, fotografias) mas, principalmente, por um sentimento de urgência na afirmação identitária da Guiné e dos seus movimentos políticos,⁴ o que nos leva a pensar que uma tese, como um trabalho artístico, também pode ser uma expressão de uma identidade, pessoal e transpessoal.

⁴ Eu sou necessariamente suspeito por ter na minha família nuclear elementos cujos interesses académicos são, justamente, a política africana e, a Guiné, em particular.

A minha procura, até por um interesse em definições essenciais (que acho ser uma característica minha), e pela endoutrinação que referi, é contrária à perspectiva panorâmica. Mas alguma coisa terá ficado da ideia de uma identidade da tese.

•

As teses de Glowacki Colton e de Chandler foram inspiradoras; esta, pela arrojo e entusiasmo e, aquela, pela clareza e rigor, mas encontravam-se ainda distantes de um modelo adequado à minha tese. Foi nas ciências sociais e humanas que encontrei paradigmas aplicáveis. Talvez por se tratar das humanidades (afinal o drama também trata os fenómenos humanos), talvez pelo tipo de elaboração linguística. Em *The Cultural Significance of the Child Star*, uma tese submetida à avaliação da Brunel University, em 2006, Jane Catherine O'Connor trata um tema que me tem interessado paralelamente: o da percepção social das figuras públicas, no caso em apreço, das crianças actores/cantores.

O'Connor propõe um relato relevante de uma realidade social, que incorpore elementos mitológicos e estruturais e se estenda para lá da perspectiva construtivista. Do ponto de vista do seu posicionamento, O'Connor pretende contribuir para a discussão do estatuto das crianças nas

sociedades ocidentais. *The Cultural Significance of the Child Star* propõe assim uma reflexão abrangente sobre um aspecto relevante das sociedades ocidentais a partir de uma particularidade.

Creio que é esse interesse no humano e essa capacidade em reflectir o todo na discussão do particular o que me cativa nas ciências sociais.

Suponho que um problema central para um artista que se propõe escrever uma tese é perceber de que forma se ligam essas duas noções aparentemente divorciadas: criação artística e produção académica. Deveria ser possível falar de uma criação académica também.



Para muitos artistas e, creio, para o senso comum também, a criação é um impulso que vem de dentro, uma fabricação do íntimo, a exteriorização de uma força criativa interior. Suponho que a confusão deve surgir do sentimento, mais ou menos difuso, de haver alguma coisa por dizer, de ser a expressão do próprio uma necessidade e, conseqüentemente, de ser esse território das emoções um território com uma intensidade própria que não deve ser limitado pelo processo de trabalho.

Então, e as intermináveis notas do Nabokov, a célebre caixa de anotações, descrita em *Speak Memory*, em que abundam os detalhes dos postos de abastecimento, que o escritor conheceu no seu périplo americano, e a descrição pormenorizada das revistas para adolescentes, que podemos encontrar, depois, no *Lolita*?

Então, e as descrições de Jahilia, que abundam nos *Versículos satânicos*? Sim,

ricas em verve rushdiana, será tudo isso o produto de uma emanção interior?

Algo que para mim se torna evidente é a forma como estas categorias - criativo, acadêmico sistemático, intuitivo - são muitas vezes categorias artificiais, em fraca sintonia com a realidade do trabalho criativo e do trabalho acadêmico.

“(05-01-2009) Suspeito que essa natureza meticulosa, tão notada pelos meus colegas da escola secundária e família, na preparação e execução de desenhos de detalhe microscópico, seja agora uma grande ajuda na sistemática da fundamentação e da referenciação.”

•

Gostaria que não ficasse no ar um equívoco.⁵ Procurei chamar a atenção para aspectos transversais à criação artística e ao trabalho acadêmico não porque sinto que o trabalho artístico se aproxima do trabalho acadêmico, mas porque acho que existem aspectos criativos na procura acadêmica e aspectos sistemáticos no trabalho artístico – o que aliás é uma ideia antiga. Nova, e muitas vezes equívoca, é a tentativa de validação de processos cuja metodologia é muito diversa da científica, por razões alheias à prática acadêmica.⁶

Se havia iniciado o meu trabalho na suposição de que haveria um aspecto criativo auto-justificado da tese (um ciclo de peças de teatro), a minha reflexão tinha-me levado a considerar essa como uma opção menos interessante. Com a leitura de teses e pela própria reflexão fui levado a pensar que a persistência num modelo composto (prático e teórico) não produziria os

⁵ Em “Notes and Queries” (a reprodução publicada de uma troca de e-mails) pode encontrar-se um exemplo extremo desta tentativa de validação “22 October 2002: [Franc Chamberlain] I know how to ride a bicycle. This knowledge is most certainly embodied and you’d be justified in being skeptical unless I could demonstrate my knowledge through practice. Don’t take my word for it - watch me do it. If I can teach someone else how to ride, I am disseminating that knowledge even if I can’t write a dissertation on what I’m doing. To privilege my ability to write about it over my ability to do it is to privilege theory over practice.” (Thomson 159) De acordo com a argumentação de Chamberlain, todos os malabaristas são investigadores.

⁶ Trimmingham sublinha a importância da metodologia e da clara exposição da hipótese de partida: “Practical theatre research needs to make this initial and subsequent (since they will change) hypotheses *explicit*. It is here that I part company from the claim that practice (i.e. all practice) is research.” (Trimingham 54).

resultados que desejava. Na verdade procurava uma integração perfeita da teoria e da prática.

Da minha reflexão também emergiam com mais clareza os pontos de contacto entre arte e ciência na minha própria natureza. Alguns destes pontos de contacto eram muito gerais (um desejo de compreender o mundo), outros eram processuais - uma natureza sistemática e persistente.

Assim, o meu projecto de tese começava a tender para a clarificação de um aspecto teórico esclarecedor da mecânica de uma prática. No meu caso, prendia-se com a escrita para teatro – com um princípio funcional unificador da prática teatral, que vim a designar como *operational dramaturgical unit*.

Aspectos que antes julgara serem centrais, como a ‘reader response theory’ na leitura do texto dramático, vieram a ser deslocados para o enquadramento teórico.

•

A curiosidade sobre as mudanças no paradigma de tese nos últimos anos veio a ficar diluída nas preocupações particulares da minha procura. Creio que não há dúvida sobre a maior quantidade de recursos que temos à mão, mas creio, também, que o tempo de ponderação, entre uma biblioteca e outra, tem produzido resultados diferentes do tempo de ponderação entre dois cliques – quanto mais não seja do ponto de vista da fruição do investigador. Em última análise, é mesmo só isso que importa - o investigador, a sua determinação e a honestidade intelectual -, mais do que a instituição ou o processo.

•

Como era de esperar, o trabalho académico tem sido de grande utilidade em tudo o que seja redacção de projectos e, quanto à linguagem técnica, esta tem acompanhado uma maior capacidade de sistematização, que é parte de um condicionamento do raciocínio. Mas essa velocidade de escrita tem ocorrido no trabalho artístico também. Experimenta-se uma espécie de leveza e rapidez sempre

que o assunto da escrita não é condicionado pelos critérios de fundamentação acadêmica e, depois, a reflexão acadêmica oferece necessariamente assunto e discussão e, desse confronto, emerge material novo para o trabalho criativo.

•

“(29-03-2009). Leitor, se há coisas apaixonantes na vida, coisas que não hesitaria em fazer outra vez, coisas que todos deviam poder fazer, uma delas é esta: construir um edifício de ideias, ser um detective da própria natureza em confronto com o mundo, mergulhar na natureza mesma do que é dizer.” •



BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, S. (1997) *Painting and the Comedia in the Spanish Golden Age, with Particular Reference to the Portrait in the Theatre of Lope De Vega and Other Contemporary Dramatists*. University of London.

ALLAIN, P.A.C. (1993) *Theatre Practice in Search of a Theory: the Gardzienice Theatre Association of Poland*. Goldsmiths: University of London.

BRILHANTE, M. J. (1983) *A invenção poética no teatro de Claudel*. Faculdade de Letras: Universidade de Lisboa.

CAROLINO, J. M. (2006) Brunel University. School of Social Sciences and Law, *Land as a Manifestation of Care and Anthropological Approach to Relations with Land in Southern Alentejo*. Brunel University: Uxbridge.

CHANDLER, W.J. & Brunel University. Department of Cybernetics (1979) *A Science of History*. Brunel University: Uxbridge.

CHEEVERS, P.P. & Brunel University. Department of Performing Arts (2005) *Subject and its Performance*. Brunel University: Uxbridge.

DEAN, A.M. (1988) *Language as Dramatic Action: a Study of Five Plays by David Mamet*. Royal Holloway & Bedford New College.

ECO, U. (1982) *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Presença: Lisboa.

FREEMAN, J. (2003) *Tracing the Footprints: Documenting the Process of Performance*. University Press of America: Lanham, Md.

FREEMAN, J. & Brunel University. Department of Performing Arts (2001) *Documenting the Making Process*. Brunel University: Uxbridge.

GUNTRIP, H.J. (1954) *The Implications of Recent Trends in Psychoanalytical Theory for Sociology*. Leeds University.

O'CONNOR, J.C. & Brunel University. School of Social Sciences and Law (2006) *The Cultural Significance of The Child Star*. Brunel University: Uxbridge.

MACKLIN, K. S. (1991) *Ibsen, Art and the Scenic Image*. University of London.

THOMSON, P. (2002) "Notes and Queries" in *Studies in Theatre & Performance*, vol. 22, no.3: 159.

TRIMINGHAM, M. (2002) "A Methodology for Practice as Research" in *Studies in Theatre & Performance*, vol. 22, no.1: 54.